

O objetivo era simples e ao mesmo tempo complexo: mudar a realidade pedagógica de uma escola em que entravam 200 alunos na primeira série e oito anos depois saíam apenas 15. Esse dado, de 1990, motivou a Câmara Americana de Comércio de São Paulo a escolher, em 1991, quatro escolas estaduais para iniciar projeto piloto. Com certeza a mentalidade empresarial ajudou o intento; primeiro se cuidou de treinar os professores e, depois, de cercar o aluno daquela atenção e cuidados mínimos necessários para que a aprendizagem decolasse. Cinco anos depois se pode ver que, dos então 200 alunos matriculados na primeira série, já se formaram 100, não 15!

Ainda mais importante talvez seja outro tipo de resultado: nas primeiras avaliações de 1992 —

centradas em conteúdos específicos de Português e Matemática —, metade dos alunos avaliados tirara zero. Nas avaliações de março último não se registrou nenhuma nota zero em nenhuma das quatro escolas atendidas pelo projeto piloto. É claro que se pode argumentar que resultados de tal modo eficientes são possíveis em um conjunto de 6.500 alunos e pouco mais de 100 professores, contemplando exclusivamente uma atenção centralizada em duas disciplinas. Obviamente, esse ponto merece atenção — a dimensão do universo escolar visado —, mas é inegável que um rumo de eficiência foi encontrado. A discussão que ora se impõe é exatamente encontrar a fórmula correta de expansão desse processo. Digamos que a receita é conhecida e, parece, foi testada com sucesso. Como multi-

plicá-la sem perda de densidade?

A Câmara Americana do Comércio desenvolveu o Instituto Qualidade no Ensino para ampliar o projeto piloto. Vale lembrar que o referido projeto custou R\$ 71 por aluno ao ano, enquanto a rede escolar oficial de ensino paulista — se o dado oferecido está correto — estima um custo-aluno em torno de R\$ 300 ao ano. A primeira pergunta é: como expandir sem ampliar custos? O Instituto Qualidade no Ensino propõe um “kit-escola” para expandir suas ações, imaginando como ponto-base dessa expansão a elaboração e a utilização de um manual. Os responsáveis pelo instituto não es-

condem que testar seu projeto é “uma coisa” e ampliá-lo “num kit” é outra totalmente diferente. Mas esse é de fato o verdadeiro desafio.

Todos os mais ambiciosos e orgânicos projetos pedagógicos esbarraram nesta dificuldade: a expansão. Se o custo do gerenciamento burocrático é quase zero no projeto piloto, quem garante que a expansão manterá o caráter enxuto da estrutura? E mais: como esquecer o Interior do Esta-

Expandir para o Interior projeto pedagógico da Câmara Americana é o real desafio

do? Repetir a experiência na Capital, com os olhos do “fiscal” por perto, mantém tudo em um mesmo nível de problema. O real sucesso virá da capacidade de expandir sem perder qualidade.